



SÍNTSE DE NOTÍCIAS N° 0332/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 05/12/2025**

Os ministros das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita e do Qatar co-presidem o conselho de coordenação



O Ministro das Relações Exteriores saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, e seu homólogo catari, Sheikh Mohammed bin Abdulrahman bin Jassim Al-Thani, em Riade.

O Ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, e seu homólogo Qatarita, Sheikh Mohammed bin Abdulrahman bin Jassim Al-Thani, co-presidiram a reunião do comitê executivo do Conselho de Coordenação Saudita-Qatari, em Riade.

A reunião de ontem revisou os laços e as formas de fortalecê-los tanto em nível bilateral quanto multilateral. Eles também discutiram o fortalecimento da cooperação por meio de várias iniciativas que poderiam elevar as relações a perspectivas mais amplas. Ambos os lados elogiaram a cooperação entre os comitês sob o conselho de coordenação.

A secretaria do comitê executivo forneceu uma visão geral das actividades do conselho e de seus comitês no último período, juntamente com as últimas actualizações e trabalhos preparatórios para a oitava reunião. Ao final da reunião, os ministros assinaram a Acta do comitê executivo do conselho. **Fonte-Arab News.**

Companhia aérea saudita trabalha '24 horas por dia' em actualizações de software da Airbus



A equipe de operações da companhia aérea saudita Flyadeal trabalhou '24 horas por dia' para completar actualizações obrigatórias de software para suas aeronaves Airbus A320.

A equipe de operações da companhia aérea saudita Flyadeal trabalhou incansavelmente para completar actualizações obrigatórias de software para suas aeronaves Airbus A320, informou a companhia aérea. Isso segue uma directriz da Agência de Segurança da Aviação da UE em 28 de novembro para que companhias aéreas do mundo todo operam aeronaves Airbus A320 implementem as mudanças. Apenas 13 dos 43 membros da frota da Flyadeal foram afectados.

A companhia aérea afirmou em comunicado: "Nossas equipes de operações, engenharia e experiência do cliente trabalharam 24 horas por dia para minimizar as interrupções. Os passageiros foram contactados directamente por e-mail e SMS com opções de remarcação e apoio." Os clientes receberam ofertas de voos de substituição em outras aeronaves como parte de arranjos alternativos. "Nosso foco sempre foi a segurança operacional e a protecção dos clientes", afirmou o comunicado. A companhia expressou seus agradecimentos aos "colegas que trabalham rápida e diligentemente sob circunstâncias desafiadoras, e aos parceiros aeroportuários, reguladores e Airbus pelo apoio contínuo." **Fonte-Arab News.**

Síria será homenageada na exposição 'Made in Saudi'



A República Árabe Síria foi escolhida como convidada de honra para a terceira edição da exposição 'Made in Saudi'.

A República Árabe Síria foi escolhida como convidada de honra para a terceira edição da exposição "Made in Saudi", um evento emblemático organizado pela Autoridade Saudita de Desenvolvimento de Exportações. A exposição acontece de 15 a 17 de dezembro de 2025 no Centro Internacional de Convenções e Exposições de Riade, em

Malham, informou a Agência de Imprensa Saudita. O evento reafirma a robusta parceria econômica entre os dois países e reflecte a determinação de ambos em aprofundar a colaboração industrial e expandir os marcos de cooperação mútua — iniciativas projectadas para promover interesses econômicos compartilhados e fomentar o desenvolvimento sustentável regional.

A delegação da Síria será liderada pelo Ministro da Economia e Indústria, Mohammad Nidal Al-Shaer, que supervisionará um pavilhão abrigando mais de 25 empresas sírias nas indústrias manufatureira e de serviços. O esforço colaborativo carrega a mensagem simbólica "Nos Parecemos", baseando-se na participação anterior de Riade na Feira Internacional de Damasco e incorporando a afinidade cultural e econômica que une as duas nações enquanto buscam ambições industriais compartilhadas.

Para as empresas sírias, a exposição é uma plataforma fundamental para fortalecer as redes industriais árabes, trocar expertise com fabricantes e investidores regionais e, colectivamente, fortalecer o ecossistema industrial transfronteiriço. Projectada para elevar o perfil da manufatura e dos serviços domésticos nos mercados regionais e globais, a exposição "Made in Saudi" aproveita uma narrativa imersiva em torno das conquistas industriais e celebra produtos locais como motores vitais da expansão econômica. **Fonte-Arab News.**

Receita de organizações sem fins lucrativos sauditas sobe 22%, para US\$ 19,5 bilhões



Grupos de educação e pesquisa representavam 29% da receita total, segundo os números.

As organizações sem fins lucrativos do Reino da Arábia Saudita registraram um aumento de 22% na receita em 2024, atingindo SR73,1 bilhões (US\$ 19,48 bilhões), à medida que a actividade acelerou nos sectores de educação, saúde e cultura, segundo novos dados governamentais. A Autoridade Geral de Estatísticas afirmou que grupos de educação e pesquisa representaram 29% da receita total, seguidos por organizações de saúde com 24% e entidades de cultura e recreação com 19%.

Em março, um relatório da Fundação King Khalid mostrou que a contribuição econômica do sector sem fins lucrativos ultrapassou SR100 bilhões em 2024 pela primeira vez, representando 3,3% do produto interno bruto do Reino da Arábia Saudita. Os números estão alinhados com a meta da Visão Saudita 2030 de elevar a contribuição do sector para 5% do PIB até 2030. Em seu relatório mais recente, a GASTAT afirmou: "As estatísticas das organizações sem fins lucrativos indicam que a receita total em 2024 foi de SR73,1 bilhões, enquanto a receita do sector sem fins lucrativos foi de SR60 bilhões em 2023." Acrescentou que o gasto total aumentou para SR60,8 bilhões em

2024, em comparação com SR51,8 bilhões em 2023. "A distribuição dos gastos em 2024 concentrou-se em actividades culturais e recreativas, educacionais e de pesquisa, cada uma representando 24%, além das actividades de saúde com 23%, constituindo juntas as actividades que mais contribuem para os gastos totais do sector sem fins lucrativos", acrescentou o relatório do GASTAT. A remuneração total paga aos funcionários atingiu SR28,9 bilhões em 2024, um aumento de 15,6% em relação aos SR25 bilhões do ano anterior. Educação, pesquisa e actividades de saúde representaram cada uma 23% do total, seguidas pelos serviços sociais com 19%.

A GASTAT observou que 42% dos funcionários do sector sem fins lucrativos trabalham em cultura e lazer, seguidos por serviços sociais com 20%, desenvolvimento e habitação com 9%, e saúde, educação e pesquisa com 8%. O sector registrou SR4,37 bilhões em compras de activos fixos em 2024, enquanto as vendas totais se situaram em SR1,38 bilhão. A formação bruta de capital fixo foi de SR2,9 bilhões, liderada por actividades de saúde de SR1,4 bilhão, seguida por cultura e lazer de SR566 milhões e serviços sociais de SR471 milhões. **Fonte-Arab News.**

Como o Reino da Arábia Saudita está mitigando a seca e equilibrando o ecossistema



Uma estimativa das Nações Unidas sugere que as secas podem afectar mais de 75% da população mundial até meados do século, caso a crise ambiental continue a piorar.

A seca no Reino da Arábia Saudita intensifica os desequilíbrios ecológicos ao reduzir a disponibilidade de água, degradar os solos e acelerar a desertificação em uma paisagem já adaptada à escassez de chuvas. As consequências são de grande alcance: a vegetação rara, as populações de polinizadores e herbívoros diminuem, os vales sazonais secam e a perda das raízes das plantas aumenta a erosão do vento e da água, enfraquecendo a fertilidade do solo e retardando a recuperação. Além disso, a seca pressiona os recursos de água subterrânea, já que comunidades e agricultura compensam a escassez de água superficial, reduzindo o lençol freático e ameaçando microhabitats que sustentam aves migratórias e espécies endêmicas.

Com o tempo, essas tensões ambientais afectam vidas humanas, colocando em risco os meios de subsistência e a segurança alimentar. "O valor de ter um ecossistema equilibrado é que então entendemos que ele pode sustentar as pessoas que dependem dele", disse Inger Andersen, directora executiva do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, ao Arab News. Ela acrescentou: "Algumas pessoas que vivem nas cidades podem pensar que não dependem do ecossistema porque obtêm sua comida no supermercado, mas a

realidade, claro, é que havia um ecossistema em algum lugar do mundo que fornecia a comida que compravam. "Então, todos nós dependemos desse ecossistema não só da comida que comemos, mas também das casas onde vivemos, porque construímos casas com coisas que tiramos da terra."

Globalmente, a seca é um desafio crescente. Os Centros Nacionais de Informação Ambiental relataram que 1,84 bilhão de pessoas enfrentaram condições de seca entre 2022 e 2023. A Convenção das Nações Unidas para Combater a Desertificação e a Organização Meteorológica Mundial alertam que os extremos hidrológicos estão se intensificando à medida que o planeta aquece. Uma estimativa da ONU sugere que as secas podem afectar mais de 75% da população mundial até meados do século, caso a crise ambiental continue. Já 3,6 bilhões de pessoas no mundo todo enfrentam problemas de acesso à água por pelo menos um mês a cada ano, destacando a seca como uma preocupação tanto ecológica quanto humanitária.

No Reino da Arábia Saudita, a redução das precipitações limita a recarga dos vales que alimentam plantas nativas como tamareiras e arbustos selvagens, enquanto degrada as pastagens. Comunidades em áreas afectadas frequentemente precisam adaptar seus meios de subsistência ou aumentar o bombeamento de água subterrânea, perpetuando a desertificação e ameaçando a biodiversidade.

Para enfrentar esses desafios, o Reino da Arábia Saudita implementou múltiplas estratégias de mitigação. Esses incluem reutilização de águas residuais, métodos avançados de irrigação como sistemas de gotejamento, restauração de paisagismo e projectos de reflorestamento para estabilizar solos. Entre as intervenções mais significativas está a semeadura de nuvens, que foi adoptada como uma ferramenta activa de modificação do clima. **Fonte-Arab News**.

Espanha e Marrocos assinam 14 acordos de cooperação



O Primeiro-ministro espanhol Pedro Sánchez com o Primeiro-ministro marroquino Aziz Akhannouch no Palácio Moncloa, ontem em Madrid.

A Espanha assinou ontem 14 acordos de cooperação com o Marrocos em Madrid, fortalecendo os laços com o vizinho norte-africano da UE. O Primeiro-ministro espanhol Pedro Sánchez recebeu seu homólogo marroquino Aziz Akhannouch para conversas em Madrid antes de presidir a assinatura de 14 acordos. Essas incluíram cooperação em educação, desporto, agricultura, pesca e desastres naturais, segundo um

relatório do escritório de Sanchez. Uma declaração conjunta reafirmou "o desejo de ambos os países de fortalecer o diálogo político", acrescentou a declaração.

Sanchez também incentivou ambos os países a aproveitarem as "oportunidades econômicas, culturais e sociais" oferecidas pela Copa do Mundo de Futebol de 2030, que Espanha e Marrocos sediarão junto com Portugal. A declaração não mencionou o Sahara Ocidental. O Marrocos busca gerenciar seu espaço aéreo, controlado pela Espanha a partir do arquipélago atlântico das Ilhas Canárias. A imigração é outro tema importante de interesse comum. Marrocos é um parceiro-chave da UE na gestão da migração irregular, pois compartilha a única fronteira terrestre do bloco com África, nos exclave espanhóis de Ceuta e Melilla. O ministro marroquino do Comércio, Ryad Mezzour, havia dito ao jornal El Mundo que seu país estava "fazendo todo o esforço" para combater a imigração ilegal. **Fonte-AFP**.

Operação dos EUA supostamente matou um agente sírio disfarçado em vez de um oficial do grupo Daesh



Um parente de Khaled al-Masoud possui um pedaço de munição que teria sido usado na operação que o matou, na cidade de Dumayr, no interior de Damasco, Síria, em 28 de outubro de 2025.

Uma operação de forças dos EUA e de um grupo sírio local com o objectivo de capturar um oficial do grupo Daesh (EI) acabou matando um homem que vinha trabalhando disfarçado colectando informações sobre os extremistas, familiares e autoridades sírias disseram à Associated Press. O assassinato em outubro ressalta o complexo cenário político e de segurança enquanto os Estados Unidos começam a trabalhar com o presidente interino sírio Ahmad Al-Sharaa na luta contra os remanescentes do EI.

Segundo parentes, Khaled Al-Masoud, vinha espionando o EI há anos em nome dos insurgentes liderados por Al-Sharaa e depois para o governo interino de Al-Sharaa, estabelecido após a queda do ex-presidente Bashar Assad há um ano. Os insurgentes de Al-Sharaa eram principalmente islamistas, alguns ligados à Al-Qaeda, mas inimigos do EI que frequentemente entraram em conflito com ele na última década. Nem autoridades dos EUA nem do governo sírio comentaram sobre a morte de Al-Masoud, indicando que nenhum dos lados quer que o incidente desarrile a melhoria dos laços. Semanas após a operação de 19 de outubro, Al-Sharaa visitou Washington e anunciou que a Síria se juntaria à coalizão global contra o EI. Ainda assim, a morte de Al-Masoud pode ser "um grande revés" para os esforços de combater o EI, disse Wassim Nasr, pesquisador sênior do Soufan Center, um think tank sediado em Nova York focado em questões de segurança. A operação que o atingiu foi resultado da "falta de coordenação entre a coalizão e Damasco", disse Nasr. **Fonte-AP**.

Após vitórias no exterior, o líder sírio deve conquistar confiança em casa



O Presidente sírio Ahmed Al Sharaa participa de uma recepção com a delegação do Conselho de Segurança das Nações Unidas no Palácio Presidencial em Damasco, Síria.

Um ano após derrubar Bashar Assad, Ahmed Al-Sharaa restabeleceu a posição internacional da Síria e conseguiu alívio das sanções. Mas analistas alertam que o ex-jihadista ainda precisa garantir a confiança internamente. O derramamento de sangue sectário nos territórios minoritários alauítas e drusos do país — junto com operações militares israelenses em andamento — abalou a Síria enquanto o Presidente Sharaa tenta liderar o país para fora de 14 anos de guerra. "A Síria abriu um novo capítulo que muitos antes achavam impossível", disse Nanar Hawach, analista sênior da Síria no International Crisis Group, citando relações diplomáticas reabertas e investimentos estrangeiros. Mas ele acrescentou: "A reabilitação internacional significa pouco se todos os sírios não se sentirem seguros andando em suas próprias ruas."

O presidente dos EUA, Donald Trump, demonstrou um brilho especial para o homem de 43 anos, uma vitória política surpreendente para um ex-militante que já teve uma recompensa americana por sua cabeça devido aos seus laços com a Al-Qaeda. Sharaa já viajou por capitais do Golfo à Europa e a Washington desde que sua aliança islâmica derrubou Assad em 8 de dezembro do ano passado, encerrando mais de meio século de governo de ferro da família. Washington e o Conselho de Segurança da ONU o removem de suas respectivas listas de "terrorismo" e sanções, e uma delegação do organismo mundial visitou Damasco pela primeira vez esta semana. Os Estados Unidos, a União Europeia e o Reino Unido suspenderam grandes sanções econômicas contra a Síria, e Damasco anunciou acordos de investimento em infraestrutura, transporte e energia.

Sharaa chegou a visitar a Rússia, cujo exército bombardeou suas forças durante a guerra e que agora abriga um Assad exilado. "Sharaa venceu no exterior, mas o verdadeiro veredito vem em casa", disse Hawach.

- 'Responsabilidade real' -

Críticos dizem que a constituição provisória da Síria não reflecte a diversidade étnica e religiosa do país e concentra o poder nas mãos de um presidente nomeado para uma transição de cinco anos. As novas autoridades dissolveram facções armadas, incluindo combatentes islâmicos e militantes, mas absorveram a maioria pelo exército e forças de segurança renovadas, incluindo alguns combatentes estrangeiros. E algumas forças governamentais ou seus aliados foram implicados em surtos de violência sectária. Os massacres da comunidade alauita em março mataram mais de 1.700 pessoas, segundo o

Observatório Sírio de Direitos Humanos. E os confrontos em julho na província de Sweida, no sul da Síria, majoritariamente drusa, deixaram mais de 2.000 mortos, incluindo centenas de civis drusos. As autoridades anunciaram investigações sobre o derramamento de sangue e prenderam e julgaram alguns suspeitos. Nicholas Heras, do New Lines Institute, disse que Sharaa "falhou duas vezes como líder da reconciliação nacional" — durante a violência contra alauítas e drusos. Heras disse à AFP que ainda há dúvidas sobre "até que ponto ele pessoalmente quer conter as milícias islâmistas militantes que tiveram o papel mais forte em levá-lo ao poder em Damasco." A posição de Sharaa, disse ele, permanece precária "porque ele não comanda um aparato de segurança unificado que possa fazer cumprir as regras estabelecidas por seu governo."

- 'Aterrorizante' -

Gamal Mansour, pesquisador da Universidade de Toronto, disse que "líderes de facção que são essencialmente senhores da guerra" assumiram cargos oficiais, contribuindo para uma "crise de confiança" entre as minorias. No entanto, "a maioria dos sírios acredita que a Sharaa é a única opção que oferece garantias", disse ele, chamando a perspectiva de um vácuo de poder de "assustadora." Apenas manter o país unido já é uma tarefa importante, com alguns na costa e em Suéia pedindo sucessão e os curdos buscando descentralização, que Damasco rejeitou. Uma administração curda no nordeste concordou em integrar suas instituições ao governo central até o final do ano, mas o progresso estagnou. Aumentando a pressão está o vizinho Israel, que já bombardeou repetidamente a Síria e quer impor uma zona desmilitarizada no sul. As forças israelenses permanecem em uma zona tampão patrulhada pela ONU nas Colinas de Golã ocupadas e realizam incursões regulares mais profundamente na Síria, apesar de os dois lados manterem conversas directas. Na passada segunda-feira, Trump disse a Israel para evitar desestabilizar a Síria e sua nova liderança. Em outubro, comissões selecionaram novos membros do parlamento, mas o processo excluiu áreas fora do controle do governo e Sharaa ainda não nomeou 70 dos 210 representantes. **Fonte-AFP.**

Autoridades sírias em Aleppo prendem ex-deputado e chefe de polícia sob o regime de Assad



As autoridades prenderam Abdel Razzak Barakat, ex-chefe de polícia e deputado do extinto regime de Bashar Assad.

A Secção de Contraterrorismo da Síria, na cidade nortenha de Aleppo, prendeu Abdel Razzak Barakat, ex-chefe de polícia e deputado sob o extinto regime de Bashar Assad. O Ministério do Interior afirmou que Barakat esteve envolvido na repressão a

manifestações pacíficas em Homs no início da revolução síria em 2011, enquanto servia como comandante da polícia da cidade.

Barakat foi transferido para o comando policial em Tabqa, na província de Raqqa, no nordeste da Síria, e mais tarde tornou-se membro do parlamento, representando a Frente Nacional Progressista. As autoridades sírias afirmaram seu compromisso de processar qualquer pessoa envolvida em crimes contra civis durante o antigo regime de Assad.

Nesta semana, as Forças de Segurança Interna prenderam cinco ex-militares na província costeira de Lataika. Dois dos detidos actuaram anteriormente como juízes militares e os outros três como médicos militares no antigo Hospital Militar Tishreen, na capital Damasco. Todos os cinco enfrentam acusações de assassinato e de ocultação de crimes cometidos contra civis em prisões sírias antes da queda de Assad em 8 de dezembro de 2024. **Fonte-Agência de Notícias Árabe Síria.**

Netanyahu zomba do julgamento por corrupção como uma farsa do 'Pernalonga'



Um homem segura uma placa que diz "sem perdão" enquanto israelenses protestam apóis o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu pedir ao presidente Isaac Herzog que o perdoasse em seus julgamentos criminais em frente à residência presidencial em Jerusalém.

O primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu denunciou o caso de corrupção em andamento contra ele como um "julgamento do Pernalonga" e defendeu seu controverso pedido de perdão em um vídeo publicado nas redes sociais. O vídeo de três minutos, divulgado ontem no final do dia, veio uma semana depois que Netanyahu solicitou formalmente um perdão ao Presidente israelense Isaac Herzog, argumentando que sua acusação estava dividindo a nação.

O Presidente dos EUA, Donald Trump, também enviou uma carta no mês passado para Herzog com o mesmo pedido. No vídeo compartilhado online na noite de ontem, Netanyahu denunciou o processo como um "julgamento político" destinado a forçá-lo a deixar o cargo, reiterando sua negação de longa data de qualquer irregularidade. As acusações incluem dois casos em que Netanyahu supostamente negociou cobertura favorável da imprensa israelense e um terceiro envolvendo acusações de ter aceitado mais de \$260.000 em presentes de luxo — incluindo charutos, joias e champanhe de bilionários em troca de favores políticos. Uma quarta acusação de corrupção já havia sido arquivada anteriormente.

No vídeo, Netanyahu levantou um fantoche do Pernalonga, zombando dos promotores por supostamente citar uma boneca de desenho animado que recebeu como presente para seu filho há 29 anos como prova contra ele. "De agora em diante, este julgamento será conhecido como o julgamento do Pernalonga", declarou.

Netanyahu ainda descartou os presentes de charuto como presentes "de um amigo" e afirmou que suas supostas tentativas de garantir cobertura favorável de "um site de Internet de segunda linha" resultaram, na verdade, em "a cobertura da imprensa mais odiosa, antagônica e negativa que você pode imaginar em Israel."

Netanyahu é o primeiro primeiro-ministro israelense em exercício a ser julgado por corrupção. Os procedimentos, iniciados em 2019, recentemente exigiram que ele testemunhasse três vezes por semana — um cronograma que ele argumenta o impede de governar efectivamente. "Essa farsa está custando caro ao país", disse ele. "Eu não aguento isso... Então pedi perdão." Os casos expuseram divisões marcantes na sociedade israelense.

Na passada segunda-feira, antes da última audiência de Netanyahu no tribunal, grupos rivais de manifestantes se reuniram em frente ao tribunal de Tel Aviv — alguns gritando em apoio ao primeiro-ministro, outros se opondo a ele, incluindo manifestantes usando macacões laranja brilhantes estilo prisão para sugerir que ele deveria ser preso. **Fonte- AFP.**

[Irão lança mísseis massivos durante um exercício naval próximo ao Estreito de Ormuz](#)



Iranianos visitam uma exposição que apresenta conquistas em mísseis e drones em Teerão em 12 de novembro de 2025.

O Irão lançou mísseis massivos no Mar de Omã e próximo ao estratégico Estreito de Ormuz durante o segundo dia de um exercício naval, informou hoje a TV estatal. O relatório informou que a Guarda Revolucionária paramilitar lançou os mísseis das profundezas do território continental iraniano, atingindo alvos no Mar de Omã e na área vizinha próxima ao Estreito de Ormuz, em um exercício iniciado ontem. Identificou os mísseis como cruzeiro Qadr-110, Qadr-380 e Ghadir, que têm alcance de até 2.000 quilômetros (1.250 milhas). Afirmou que a Guarda também lançou um míssil balístico identificado como 303, sem dar mais detalhes. Imagens de TV mostraram o lançamento dos mísseis atingindo seus alvos. O exercício é o segundo após a guerra Israel-Irão em junho, que matou quase 1.100 pessoas no Irão, incluindo comandantes militares e cientistas nucleares. Ataques com mísseis do Irão mataram 28 pessoas em Israel.

Desde o fim da guerra, o Irão tem insistido cada vez mais que está pronto para conter qualquer futuro ataque israelense. O Irão lançou seu primeiro exercício naval na região em agosto. A Guarda Revolucionária paramilitar do Irão está principalmente encarregada das operações no Golfo Árabe e em sua foz estreita, o Estreito de Ormuz. A marinha nacional está à frente do Mar de Omã e além O Irão há muito ameaça fechar o Estreito de Ormuz, por onde passa 20% de todo o petróleo global comercializado. A Marinha dos EUA há muito patrulha o Médio Oriente por meio de sua 5ª Frota, sediada no Bahrein, para manter as vias navegáveis abertas. **Fonte-AP.**

Ucrânia abriu o míssil balístico russo que devastou suas cidades; a surpresa: seu combustível vem da China



Enquanto persistir a exceção jurídica e econômica, os Iskander continuarão voando, sustentados por uma cadeia de suprimentos que a Rússia não consegue substituir sozinha.

No mês de outubro, a inteligência ucraniana realizou uma investigação. E então descobriu, mais uma vez, que a brecha existente em torno das sanções internacionais é palpável e mensurável. Kieve, havia começado a analisar peças dos mais recentes mísseis de cruzeiro e balísticos de Moscovo. E o que encontraram foi – déjà vu - já visto. O míssil balístico Iskander-M, coração do terror russo contra cidades ucranianas, depende de um combustível sólido cuja metade deveria ser composta por perclorato de amônio. O problema é que a Rússia, após décadas de declínio industrial desde o colapso soviético, já não consegue produzir em escala o ingrediente crítico para fabricá-lo: clorato de sódio de alta pureza.

Essa limitação técnica, mais do que qualquer força militar russa, define a vulnerabilidade estratégica de uma arma que devastou lugares como Kryvyi Rih, onde, por exemplo, um impacto em novembro de 2024 matou uma mãe e seus três filhos. A queda sustentada nas taxas de interceptação ucranianas, mesmo em áreas defendidas pelo Patriot, demonstra que cada míssil que consegue superar a defesa aérea atinge zonas densamente povoadas e transforma essa dependência industrial em tragédia humana.

A rede que abastece,

Agora, em uma investigação do RUSI, a inteligência ucraniana constatou que, diante da falta de capacidade doméstica, Moscovo depende de dois fornecedores essenciais: a China, responsável por 61% do clorato de sódio importado, e o Uzbequistão, que

fornecendo os 39% restantes por meio da Farg'onaaazot, uma planta adquirida pela Indorama por 140 milhões de dólares e ligada familiarmente ao conglomerado de Lakshmi Mittal. Assim, entre 2024 e meados de 2025, somente a fábrica uzbeque enviou mais de 18 milhões de dólares em insumos, parte de um fluxo total próximo de 37 milhões que sustenta a produção de mísseis usados repetidamente contra a siderúrgica ArcelorMittal em Kryvyi Rih — vítima da mesma rede empresarial que contribui involuntariamente para alimentar o programa russo.

O buraco no regime de sanções,

Embora o clorato de sódio conste nas sanções europeias como uma substância que sustenta a capacidade industrial russa (a UE não pode comercializá-lo), os principais fornecedores — uzbeques e chineses — seguem sem ser sancionados. Na verdade, a especialista Olena Yurchenko identifica três falhas estruturais: a falta de cobertura integral de todos os precursores do combustível sólido, a ausência de restrições sobre fornecedores de países terceiros e a omissão de sanções aos exportadores e importadores russos directamente envolvidos.

O resultado é uma cadeia de suprimentos perfeitamente funcional que opera nas sombras jurídicas, permitindo que a Rússia reponha seu arsenal apesar do embargo ocidental. Especialistas apontam que esse fenômeno se repete em sectores onde empresas ocidentais toleram indirectamente circuitos de “importação paralela”.

Geopolítica e cálculo político,

A Forbes lembra que, para a UE, seria politicamente mais viável sancionar o Uzbequistão, cujo peso econômico e vínculos com a Europa são menores que os da China. Não há dúvida de que punir fornecedores chineses implicaria em fricções diplomáticas e comerciais profundas, o que explica a relutância de alguns países-membros. Contudo, enquanto essas decisões são adiadas, a Rússia avança em novos complexos de produção interna que não estarão operacionais até entre 2025 e 2027, prolongando um período crítico no qual a dependência externa continua sendo o calcanhar de Aquiles de sua indústria de mísseis.

A ArcelorMittal Kryvyi Rih, pilar econômico da cidade e alvo recorrente dos mísseis Iskander, contribuiu com mais de 500 milhões em impostos para a Ucrânia e mais de 18 milhões em ajuda humanitária desde a invasão. O drama é evidente: a mesma estrutura empresarial que ajuda a reconstruir a Ucrânia está, por um elo distante de sua órbita corporativa, vinculada à produção dos mísseis que destroem sua infraestrutura. Se a UE sancionasse simultaneamente os fornecedores uzbeques e os principais exportadores chineses, a Rússia enfrentaria anos de instabilidade, custos elevados e menor flexibilidade industrial. Poderia até ser forçada a redesenhar seus motores e combustíveis, comprometendo a confiabilidade de seu arsenal por um longo período.

A questão decisiva é se a política europeia terá coragem para fechar as brechas que permitem que conglomerados globais se beneficiem (directa ou indirectamente) dos dois lados da guerra. A razão é cristalina: enquanto persistirem essa exceção jurídica e econômica, os Iskander continuarão voando e massacrandos, sustentados por uma cadeia de suprimentos que a tecnologia russa, sozinha, não consegue substituir. **Fonte-Xataka Brasil.**

Navio no Estreito de Bab el-Mandeb atacado por suspeitos piratas, segundo autoridades



O Bab el-Mandeb conecta o Mar Vermelho e o Golfo de Áden, separando o continente africano da Península Arábica.

Um navio que navegava hoje pelo Estreito de Bab el-Mandeb foi atacado por suspeitos piratas. O incidente resultou em um navio perseguido por embarcações menores que abriram fogo contra ele, informou o centro de operações marítimas do Reino Unido do exército britânico. A empresa de segurança privada Diaplos Group disse que a embarcação foi atacada duas vezes e guardas armados a bordo abriram fogo em resposta. O relatório afirmou que a tripulação estava segura e descreveu o navio como um navio a graneleiro.

O Bab el-Mandeb conecta o Mar Vermelho e o Golfo de Áden, separando o continente africano da Península Arábica. A região havia registrado ataques dos rebeldes Houthi do Iêmen devido à guerra Israel-Hamas, além de um aumento da pirataria na Somália. No entanto, os Houthis cessaram seus ataques, já que um cessar-fogo instável permanece na Faixa de Gaza. **Fonte-AP.**

China reúne navios militares de todo o Leste Asiático em demonstração de força naval



Navio de guerra da China durante exercício militar

A China está mobilizando um grande número de embarcações navais e da guarda costeira nas águas do Leste Asiático, em um determinado momento, mais de 100, na maior demonstração de força naval até o momento, de acordo com quatro fontes e relatórios de inteligência analisados pela Reuters. A China está no meio do que é tradicionalmente uma temporada movimentada de exercícios militares, embora o

Exército de Libertação Popular não tenha feito nenhum anúncio de exercícios em larga escala oficialmente. Ainda assim, o aumento da actividade está ocorrendo no momento em que a China e o Japão estão em uma crise diplomática depois que a primeira-ministra japonesa, Sanae Takaichi, disse no mês passado que um hipotético ataque chinês a Taiwan poderia desencadear uma resposta militar de Tóquio. Pequim também ficou irritada com o anúncio feito no mês passado pelo Presidente de Taiwan, Lai Ching-te, de um gasto extra de US\$40 bilhões em defesa para combater a China, que considera a ilha como parte de seu próprio território. **Fonte-InfoMoney25.**

O voo comercial mais longo do mundo decolou ontem, foram 29 horas de viagem



A nova rota vai ligar Xangai a Buenos Aires, com uma escala de 2 horas em Auckland, e pretende bater o recorde de voo mais longo que actualmente pertence à Singapore Airlines.

A China Eastern Airlines prepara-se para inaugurar aquela que se tornará a rota aérea comercial regular mais longa do mundo: uma viagem de quase 20 mil quilómetros que liga Xangai e Buenos Aires, com escala em Auckland. A rota maratona, que iniciou ontem as suas operações, 4 de dezembro, irá superar em muito a duração de qualquer voo regular existente e reforça o esforço da China para expandir a conectividade aérea global. O voo inaugural partirá do Aeroporto Internacional de Pudong, em Xangai, às 2h00 (hora de Pequim) e seguirá para sul, em direcção a Auckland, onde fará uma escala técnica de 2 horas e 25 minutos. A partir daí, a aeronave continuará para leste, cruzando o Oceano Pacífico e aterrando em Buenos Aires por volta das 16h30, hora local. O tempo total de viagem na ida é de umas impressionantes 25 horas e 55 minutos, refere o IFLScience.

Os passageiros que regressam à China enfrentarão uma viagem ainda mais longa. O voo de regresso, no sentido oeste, está previsto partir de Buenos Aires e fará uma nova escala em Auckland, com a duração de duas horas. Após a escala, a aeronave iniciará o troço final em direcção a Xangai, chegando às 18h00, hora de Pequim, do dia seguinte, totalizando uma exaustiva viagem de 29 horas.

Após o lançamento, a rota irá operar duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras. Embora a China Eastern não tenha divulgado publicamente as suas motivações, os analistas de aviação apontam para o esforço mais amplo de Pequim para reforçar as

ligações aéreas internacionais, à medida que o país alarga a sua rede de acordos unilaterais de isenção de vistos. A Argentina, agora entre as nações que oferecem entrada sem visto aos viajantes chineses, tem laços económicos crescentes com a China com as exportações de carne bovina, soja e lítio.

A nova oferta da companhia aérea entra numa longa disputa global pelo título de voo mais longo do mundo. Embora várias companhias aéreas tenham reivindicado o título ao longo dos anos, a Singapore Airlines mantém consistentemente o recorde reconhecido na sua rota **Singapura-Nova Iorque JFK**. Esta rota tem cerca de 15 349 quilómetros e demora mais de 18 horas, uma marca que a nova rota da China Eastern superará em distância, mas não num único troço sem escalas. Para os entusiastas da história da aviação, mesmo esta viagem monumental empalidece em comparação com o voo de longa duração mais longo de que há registo. Em 1959, dois pilotos sobrevoaram Las Vegas durante uns incríveis **64 dias, 22 horas e 19 minutos**, percorrendo cerca de 240 mil quilómetros, o que corresponde a quase seis voltas ao mundo. **Fonte-Newsletter Zap.**

A votação em Golã simula o fracasso da política de Israel na Síria



DRA. DANIA KOLEILAT KHATIB

05 de dezembro de 2025



A declaração de Trump e a mais recente resolução da ONU são a maior prova do fracasso da política de Israel para a Síria.

Em 3 de dezembro de 2025, 123 países na ONU reafirmaram seu apoio à Síria e à soberania síria sobre as Colinas de Golã. A resolução patrocinada pelo Egito exige que Israel retorne à linha de 4 de junho de 1967 e afirma a ilegalidade da apropriação forçada de terras, das actividades de assentamento e outras actividades hostis nas Colinas de Golã ocupadas.

Isso é um tapa duplo para Israel e o Primeiro-ministro Benjamin Netanyahu — mais correctamente, um tapa duplo. **O primeiro tapa** é o facto de que o reconhecimento dos EUA das Colinas de Golã como parte de Israel em março de 2019 não permitiu

realmente que Israel tivesse uma reivindicação internacional legítima sobre essa área estratégica. **O segundo tapa** é que a política israelense de criar um novo status quo e forçar o mundo a lidar com isso também está falhando. **O terceiro tapa** é o facto de que Israel não realizará seu sonho e ambição de um Israel maior. O mundo não vai permitir isso.

Devemos levar em consideração que o número de que apoiam a soberania síria sobre as Colinas de Golã aumentou de 97 no ano passado para 123 este ano. Isso significa que 26 países mudaram de ideia e apoiam a Síria. Isso ocorre porque a pressão dos EUA não é tão eficaz quanto antes ou porque Washington está cansado de Israel e não pressiona outros estados como antes. O Presidente Donald Trump alertou Netanyahu para não interferir na Síria e espera por uma relação longa e próspera entre os vizinhos.

Qualquer analista pode perceber o cansaço americano em relação a Israel. A administração dos EUA está obviamente perdendo a paciência com Netanyahu e seu governo racista e teimoso. Trump está comprometido com a paz ou pelo menos em alcançar algum tipo de estabilidade ou arranjo sustentável na região. Ele percebe que o único obstáculo para seu grande plano é Netanyahu.

A comunidade internacional não está mais agradando Israel como antes. Israel, desde sua criação, tem uma estratégia clara. Toma terras pela força por meios militares, cria um novo status quo e depois força a comunidade internacional a adoptá-lo como referência. A Palestina foi dividida em 1947. O Estado árabe da Palestina representava 42% da área total da Palestina histórica, enquanto 55% foram concedidos ao Estado de Israel. No entanto, após a guerra de 1967, Israel impôs uma nova realidade. Desde então, todas as resoluções, incluindo a iniciativa árabe de paz de 2000, tiveram que se adaptar à nova realidade no terreno. Todos pediram que Israel retornasse à linha de armistício, que inclui áreas conquistadas pela força na guerra de 1948. Nenhuma resolução hoje pede que Israel volte às fronteiras originais estabelecidas pela partição da Palestina pela ONU em 1947. No entanto, obviamente essa tendência chegou ao fim. A nova resolução mostrou isso. Israel não pode mais tomar terras à força e coagir o mundo a lidar com elas.

A terceira questão é o sonho de um Israel maior. Netanyahu falou sobre se aproximar dessa visão. Ao longo de sua história, toda guerra por Israel foi uma ocasião para aumentar sua área. Bem, não desta vez. Trump, apesar de prometer a uma de suas maiores doadoras, Miriam Adelson, que permitiria que Israel anexasse a Cisjordânia, reagiu fortemente a isso. Seu Vice-presidente JD Vance disse que ficou ofendido quando o Knesset votou pela anexação da Cisjordânia enquanto ele visitava Israel. Ninguém, nem mesmo Trump — o melhor amigo que Israel já teve, segundo Netanyahu — está aceitando o projecto de um Israel maior.

Estados regionais, países ocidentais, incluindo os EUA, e a comunidade internacional sabem que o grande Israel significa grandes problemas para todos. Isso significa uma dose de queixas que provavelmente alimentará uma nova onda de terrorismo. Isso significa uma nova onda de refugiados que desestabilizará os países vizinhos e levará a uma agitação social nas nações europeias.

A Síria afirmou que entrar em negociações técnicas e de segurança com Israel não significa normalização nem que ela renunciará aos seus direitos sobre as Colinas de

Golã. Israel está em uma situação difícil e terá que se retirar e voltar ao acordo de desengajamento de 1974. Isso significa que toda a sua aventura na Síria foi inútil. Não obteve nenhum benefício e terá que sacar gratuitamente.

As forças israelenses enfrentaram resistência durante sua incursão em Beit Jinn. Seis soldados ficaram feridos. Portanto, sua presença na Síria será custosa. A liberdade de operação que eles buscavam não será tão barata quanto esperam. O mundo está mais preocupado em tornar a nova Síria bem-sucedida do que em atender aos caprichos de Netanyahu.

A outra questão é o fracasso do plano de Israel de fomentar um movimento separatista dentro da Síria. Hikmat Al-Hajri, principal aliado de Israel em Suwayda, enfrenta resistência interna de outras facções drusas no governadorado. É improvável que Israel consiga repetir em Sweida a experiência da milícia pró-Israel de Saad Hadad e, posteriormente, de Antoine Lahad que actuou no sul do Líbano.

Israel terá que se retirar. Está pedindo uma zona desmilitarizada. No entanto, se a área for desmilitarizada, isso significa que é outro campo de jogo para actores não estatais. Se o exército sírio não estiver nas fronteiras com Israel, quem pode garantir que grupos militantes não operem lá?

Em resumo, Israel enfrenta mais resistência à sua incursão na Síria. A declaração de Trump e a mais recente resolução da ONU são a maior prova do fracasso da política de Israel para a Síria.

Dra. Dania Koleilat Khatib é especialista em relações EUA-Árabes, com foco em lobby. Ela é cofundadora do Centro de Pesquisa para Cooperação e Construção da Paz, uma organização não governamental libanesa focada na Linha II.

Aviso legal: A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista da **Arab News**.

